

Entrevista com Vássia Silveira

Por Rosângela Fernandes Eleutério¹
Universidade Federal de Santa Catarina



Vássia Silveira. Foto: Arquivo pessoal

A jornalista e escritora Vássia Silveira nasceu em Belém (PA), mas considera-se acreana: “Cresci no Acre e foi lá que aprendi os mistérios da floresta, seus silêncios, sua beleza, sua força. Foi também lá, entre as águas escuras ou barrentas dos rios e a sombra das grandes árvores, que conheci a sabedoria e a força de seus moradores”. Formada em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestra em Estudos da Tradução também pela UFSC, Vássia tem publicados livros de crônicas e poesia – *Branca nuvem em céu escuro* (Editora Penalux, 2018), *Febre Terça* (Selo Off Flip, 2013), *Indagações de Ameixas* (Redondezas, 2011) – e dois infantis, ambos pela extinta Editora Letras Brasileiras: *Quem tem medo do Mapinguari?* (2008) e *Braboletas e Ciuminsetos* (2007). É também uma das autoras da antologia *Blasfêmeas: mulheres de palavra* (Casa Verde, 2016) e do *Balaio de ideias* (Editora Projeto, 2006).

Apesar de Vássia Silveira afirmar que não se vê como uma autora de literatura infantil, esta entrevista foi motivada pela leitura de uma de suas obras destinadas ao público infantil. Mais especificamente, pela experiência que tive de ler para uma criança pequena o *Quem tem medo de*

¹ Doutoranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/ CAPES). E-mail: rosangelaeleuterio@gmail.com. Entrevista realizada no dia 02 de maio de 2019.

Mapinguari?. O livro foi ilustrado por Ciça Fittipaldi – indicada duas vezes ao Prêmio Hans Christian Andersen e ganhadora do Prêmio Jabuti de Ilustração por três vezes – e trata dos mistérios da floresta. As imagens têm uma sequência que permite a criança, que ainda não foi alfabetizada, acompanhar os detalhes da narrativa, cujo texto deixa transparecer um ritmo diferente – “essa fala mansa, ritmada, é bem característica dos moradores da região Norte”, explica Vássia.

Ao observar o encantamento de uma menina de apenas dois anos pelas imagens, pelo mistério da floresta e sua curiosidade pelos animais e plantas, percebi uma jovem leitora imersa no imaginário da Floresta Amazônica, desfrutando e interagindo com um mundo desconhecido, distante. O que, para mim, prova o poder poético que as palavras e imagens têm na formação leitora das crianças. É, portanto, sobre este universo, o da literatura infantil, que trata esta entrevista.

O que levou você a escrever livros infantis?

Na verdade, tanto o *Braboletas e ciuminsetos* quanto o *Quem tem medo do Mapinguari?* Surgiram de histórias que criei para minhas filhas, quando crianças. Não tinha a menor pretensão de publicá-las, mas aí veio o convite da editora e eu acabei aceitando.

Em sua opinião, qual o segredo para um bom texto destinado ao público infantil?

Olha, a literatura infantil é algo que me fascina como leitora. Agora, como escritora, confesso que tenho medo. Acho difícil escrever para crianças! É preciso saber jogar muito bem o jogo da imaginação, da poesia, da sensibilidade, do fantástico. O olhar da criança é muito rico, transcende a compreensão que habitualmente os adultos têm do mundo e das coisas. A criança carrega a poesia dentro dela.

E as ilustrações? Qual a importância delas na formação leitora das crianças?

Vejo as ilustrações como outro “texto”. Elas alimentam a imaginação da criança e abrem caminho para que ela estabeleça conexões e construa narrativas a partir de suas próprias experiências e criatividade. E isso, sem precisar saber ler o texto escrito. Então são fundamentais para a formação leitora! Veja, por exemplo, o caso das ilustrações da Ciça Fittipaldi no *Quem tem medo do Mapinguari?*, são fantásticas! Elas não estão ali apenas para acompanhar, muito menos para “explicar” o texto escrito. Têm vida própria e a criança percebe isso muito rapidamente. Tenho verdadeiro fascínio por essa linguagem e confesso que já comprei livros movida pela beleza do trabalho de ilustradoras e

ilustradores do Brasil como a Ciça Fittipaldi, a Marilda Castanha, a Rosinha Campos, a Graça Lima, o André Neves, o Roger Mello que, em 2014, ganhou o *Hans Christian Andersen*, um prêmio que é como se fosse o Nobel da literatura infantil... enfim, é uma lista felizmente extensa, não dou conta dela!

Como despertar o gosto pela leitura na infância?

Acho que o primeiro passo é ser também uma pessoa que lê. Porque como você vai falar para uma criança, ainda mais as que nasceram na era digital, que a leitura é algo fantástico se ela não vê você com um livro nas mãos, mergulhada na leitura? Além disso, o livro, tanto quanto o brinquedo e com certeza mais do que os smartphones e tablets, tem que estar acessível, fazer parte do espaço lúdico da criança. Assim como a leitura compartilhada, a visita a feiras de livros e bibliotecas, as contações de histórias.

Qual a melhor forma de ler para as crianças?

Não sei se existe uma forma ideal, mas acredito que o caminho é sempre o de se deixar levar pela imaginação, é não ter pressa, é fazer da leitura um espaço de cumplicidade, de poesia, de criação. É deixar também que a criança, principalmente aquela que ainda não lê o texto escrito, invente e conte sua própria história, aquela que ela vai tecendo a partir das ilustrações, das personagens e de seu mundo interior.

O que você considera mais importante: o livro infantil com fins didáticos ou o estímulo para aguçar o gosto pela literatura?

Bom, você consegue imaginar o tipo de livro didático necessário para atender a um projeto como o “Escola Sem Partido”? Eu perco o sono sempre que penso nisso. E só volto a encontrá-lo graças à literatura.

O que estimula sua imaginação e inspiração?

De maneira geral, as imagens mexem muito comigo. É comum que eu sinta necessidade de escrever após ter visto determinada fotografia, pintura, filme... Isso sem falar em gestos, cenas que presencio nas ruas e daquelas que surgem a partir de músicas que escuto, poemas que leio. No entanto, há uma distância enorme entre a necessidade de escrever e a

inspiração. E como, infelizmente, não controlo minha inspiração, passo meses, anos carregando cenas afetivas, banais, trágicas, poéticas, angustiantes ou cômicas que ficaram registradas na memória ou na imaginação e que esperam pelo momento certo para ganhar vida.

Já teve *feedbacks* de leitores e como esse diálogo com o público motiva o seu trabalho?

Sempre tenho e costumam despertar em mim alegria e pânico. Veja, sou meio bicho do mato, gosto do silêncio, da solidão, de ficar perdida em meus pensamentos. Não bastassem essas características, tenho uma timidez que até aprendi a disfarçar, mas que me faz fugir de determinados ambientes e situações. Quando foram lançados os livros infantis fui convidada, por exemplo, para falar em escolas de Santa Catarina e de outros estados, participei de conversas com crianças em bibliotecas e também durante a Feira do Livro de Porto Alegre. Foram experiências muito impactantes para mim. Porque para uma pessoa como eu, esse tipo de encontro – apesar da energia forte, generosa, revigorante – é assustador. Para você ter uma ideia, às vezes penso que, entre outras razões, desisti da literatura infantil porque sabia que era mais difícil escapar do compromisso de estar cara a cara com o público.

Qual a importância da poesia na formação de jovens leitores?

A poesia é um grande jogo, que desloca os significados, cria imagens, desestabiliza a forma como enxergamos as coisas, brinca com a sonoridade das palavras, o ritmo, o espaço do papel. É a linguagem natural das crianças, não? E acho que é também a dos jovens quando, na adolescência, enfrentam a necessidade de subversão. Então nunca consegui entender a resistência que algumas pessoas têm em apostar na poesia como um caminho para a formação de qualquer leitor, que dirá da criança e do adolescente.

De que forma o texto poético se relaciona com o universo infantil?

Acho que dá para dizer que o texto poético é tecido com tramas muito similares ao mundo que a criança traz dentro dela, dessa capacidade que a criança tem de recriar os significados. Agora, claro, para falarmos em termos de universalidade, temos que considerar que neste exato momento há milhares de crianças de ponta a ponta do planeta

sendo vítimas de violências como a fome, a guerra, o abandono, os maus tratos, a intolerância, o preconceito, a xenofobia. Para essas crianças, a (re)criação ou a (re)elaboração do mundo é distinta da imagem que fazemos do universo infantil como um espaço lúdico. Porque elas são assoladas pela realidade de maneira brutal.

Você recomenda seus livros para serem lidos em sala de aula?

Olha, os infantis eu sei que foram adotados por algumas escolas e, pelo menos em Santa Catarina, eles fazem parte do acervo de bibliotecas da rede pública. No caso dos outros, confesso que não faço ideia. De qualquer forma, acho que não cabe a mim o papel de recomendar ou não um livro que escrevi.

Como você se vê como escritora de livros infantis e poesia?

Não me considero uma escritora de literatura infantil. Acho que minha escrita carrega um lado melancólico, que flerta com a tristeza. E essa é uma característica que, apesar de não refletir necessariamente o meu ânimo, ainda não consegui me desvencilhar. Então o meu refúgio natural é a poesia, a prosa poética. Agora, até por ser aquele bicho do mato que comentei anteriormente, falho muito quando o assunto é se assumir enquanto poeta e escritora para o público e, mais ainda, para o mercado. Sou uma silenciosa habitante das margens.